

## BNegão<sup>1</sup>

“Cara, eu botei lá a parada, você não está me prejudicando, você está me ajudando, bota lá, baixa a parada”<sup>2</sup>

Nunca tive muita ligação com computador, apesar de usar óculos e tudo. Sempre fui meio avesso. Só aprendi a mexer com computador quando lancei meu disco, em 2003, por necessidade mesmo. Lá pelos anos de 1997 mais ou menos, foi o início de tudo isso. Tinha um camarada meu, um ativista das antigas, que metia a mão e resolvia várias coisas. Ele era produtor da minha banda, *Funk Fuckers*, e hoje mora na Espanha. Na época, a gente convenceu ele a ser produtor e ele odiava isso. Mas ele era o único cara em quem a gente confiava. Uma vez, a gente descendo de Santa Tereza, de ônibus, ele começou a falar da história do *Copyleft*. Eu gostei bastante da história, e eu guardei aquilo no meu HD mental, falando: bom, uma hora dessas vou fazer alguma coisa com isso. Aí corta cena.

Em 2002, eu gravei o disco, o meu disco um, depois de eu ter lançado o *Funk Fuckers* pela BMG, pela Sony e vários outros lugares. Da minha geração, eu fui o cara que mais circulou por gravadoras, até pela IMA. Na época, eu estava com o saco cheio das gravadoras. Tem que tratar com os caras. E mesmo em situações boas, como no caso do Planet [Hemp], em que vendemos mais de um milhão de cópias e ganhava uma boa grana, você fica de saco cheio. Aí decidi conversar direto com o Lobão. Ele falou que estava a fim de lançar uma revista e a gente peitou a situação. Não era nada fácil. Em alguns momentos quase não rolou, porque não tinha patrocínio e duas ou três gravadoras legais fizeram proposta pro disco. Dei uma vetada geral, porque a gente queria realmente alguma coisa diferente, nova. Tentar distribuição diferente, tentar a história do preço diferente, do preço mais humano de CD. Porque o preço muito caro, 10% do salário mínimo, sempre incomodou. A gente, do terceiro mundo e tal, ter o preço desse jeito... E os caras ainda ficam chorando, dizendo que a galera não pode copiar, vendendo um preço desse naipes, promoção de 35 reais, é um absurdo.

O Lobão sempre teve essa história de propriedade intelectual. Muito tempo brigando com essa história da *master*. A *master*, pra quem não sabe, é exatamente o original da música ser do cara que gravou. Quer dizer, qualquer disco que vocês conheçam, dos Stones, do Led Zeppelin não é dos caras, é da gravadora. Tanto que, pô, o som dos Beatles uma

---

<sup>1</sup> Bernardo Gomes Ferreira dos Santos - BNegão | [www.bnegao.com.br](http://www.bnegao.com.br)

Compositor e rapper, tornou-se conhecido como vocalista da banda de Rap brasileira Planet Hemp. Lançou em 2003 o CD *Enxugando o Gelo*, álbum liberado pelo próprio BNegão para ser baixado via internet, tornando-se um dos primeiros artistas brasileiros adepto do conceito de *copyleft*.

<sup>2</sup> Texto publicado originalmente em: PRETTO, Nelson De Luca e SILVEIRA, Sérgio Amadeu. (org.) *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008.

Conteúdo licenciado pelo *Creative Commons* para Uso Não Comercial (by-nc,2.5).

época ficou com o Michael Jackson, ele comprou a gravadora. Os sons do Planet não são do Planet Hemp, são da Sony, as gravações do Rappa são da Warner, do Chico Science e Nação Zumbi são da Sony. E isso sempre foi uma coisa que deu briga. Porque uma coisa é ceder por um tempo, mas o contrato era vitalício ou semivitalício. Pra quem viu *Motoqueiro Fantasma*, é o contrato que o cara chega e fala que se você assinar e der sua alma ele salva teu pai, aí raspa o dedo e cai um pingo de sangue no contrato. Esse era o normal.

Aproveitei a *master* e um mês depois de o disco ter sido lançado, em novembro de 2003, botei na internet. Fui inspirado por esse camarada, o Miguel, da galera do Centro de Mídia Independente, e pelo Quinto Andar, um coletivo de *hip-hop* do Rio de Janeiro, o mais inovador, de onde vêm Dileve e o DJ Castro que tocam comigo, volta e meia. Os caras meio que brigaram faz pouco tempo, mas revolucionaram, em termos de linguagem, de uso da música, de assunto, de como divulgar essa porcaria. Eles foram os caras que eu conheci que melhor usaram a internet. Em qualquer lugar que a gente chegava do Brasil, tinha um maluco que gritava “Oh, Quinto Andar”, quando eu tocava com o Castro e tal. E isso começou a chamar minha atenção pra internet também.

Sem contar o quesito ideológico. Porque naquela época estava rolando uma criminalização monstruosa. Foi a primeira onda, tiveram várias outras. Ano passado mesmo teve uma da *International Federation of the Phonographic Industry* (IFPI) que processou nego no mundo todo, farejando teu computador. Mas naquela época o Metallica estava processando a molecada que baixa som. E pra quem não conhece a história, o Metallica surgiu lançando vinis e falando assim: copiem, pirateiem nosso vinil que você está nos ajudando. Esse era o lema deles. E assim eles varreram o mundo, porque era um som totalmente novo, não tocava em rádio. Eles vieram dessa e depois queriam pagar de contador de centavo, fazendo aquele esquema que quem está baixando é um criminoso. Isso me incomodava absurdamente e queria me posicionar.

Não tinha noção do tamanho que ia tomar, de nada que ia acontecer. Em dezembro de 2003, eu pedi pra esse camarada meu, o Miguel, pra botar o disco em *Copyleft*. A gente estava tocando, fazendo várias coisas, e vendeu bem pra caramba, praticamente todas as 20 mil cópias que foram feitas. Resultado, a gente foi chamado pra tocar em Portugal e na Espanha com esse trabalho, Reatores de Freqüência. Eu já tinha tocado lá com o Planet, sabia que tinha uma receptividade e tal, mas com o Planet a gente tocava pra uma galera que era do Brasil e estava lá, que era o normal de uma banda grande. Mas no nosso caso, eu falei “pô, a nossa banda ninguém conhece, mas vamos lá, vamos fazer uma viagemzinha, umas férias, tocar pra meia dúzia de gato pingado e vamo que vamo”.

Em Portugal, eu já sabia que era uma galera porque eu já tinha tocado lá. O lugar tinha 300 pessoas e cabiam 300 pessoas. Lindo. Aí fomos pra Espanha, um lugar que eu tinha vontade de conhecer, mas nunca tinha pisado. Fomos tocar em um festival da música moderna brasileira, feita pra colônia, pra brasileiros que estão com saudade e querem ouvir as paradas que escutavam na rádio. Como a gente não se encaixa nesse perfil, *tamo fudido*. Era um lugar pra duas mil pessoas. Quando a gente estava preparado pra subir no palco, fazendo aquela concentração, o cara do show falou: “dá uma esperada aí, não dá pra vocês entrarem agora”. Tem algum problema? “Não, é que a fila está dando volta no quarteirão”. Aí a gente falou: ‘porra, está acontecendo alguma coisa nessa história, alguma coisa doida que a gente não está sabendo’. Daí eu perguntei pra ele se mais alguém ia tocar depois da gente e ele falou que não. Botaram

ingresso de graça? Ele falou que não. Pô, os caras estão esperando uma mulata, vou chegar, gordão, os caras vão falar, que porra é essa? A galera está esperando algum esquema tradicional do Brasil e vai dispersar, vai embora. E não foi nada disso. O show foi histórico. Mil oitocentos e tantos pagantes e o resto convidado. Galera de tudo que era canto do mundo, Japão, Espanha, Brasil, tudo que era canto da Europa. Tinha um cara da BBC lá, que eu não acreditei que era da BBC. Ele disse “muito bom o show, eu trabalho na BBC”. Eu falei: ‘ah, tá’. Depois, a gente acabou concorrendo a um prêmio lá da BBC e eu vi a foto do cara desse tamanho, o cara era tipo locutor. E aconteceu um monte de coisa, o show repercutiu pra caramba na Europa inteira, porque lá todo mundo tem acesso à internet. Lá, a internet funciona como substituta do rádio, sacou? Esse discurso, quando veio pro Brasil, não tinha sentido porque não tem acesso pra todo mundo e rádio tem que melhorar mesmo.

No mesmo ano, a gente foi chamado pra ir de novo e, graças a Deus, também foi lindo. Pra não virar história de pescador, tinha um cara lá da UOL cobrindo, e daí foi pra primeira página. Quando a gente leu, acreditou que tinha rolado. Vimos por acaso, fomos ler e-mail, outra coisa, quando vimos “banda toca em lugar centenário da Espanha”. A gente ficou olhando, caraca, é a gente mesmo. Fizemos mais cinco vezes, tocamos em festivais maiores de novo na Espanha, lotado. Fomos tocar em um festival na Alemanha. De lá fomos tocar num outro ano no *Rosquiwood*, que é um dos três maiores festivais do mundo. Foi em 2005, e só tinha a gente do Brasil. Era show de tudo que era banda, Black Sabbath, Green Day, Foo Fighters, o cacete a quatro, com o maior cachê que a gente já ganhou na vida. Não dá pra imaginar, é tu viajar direito, nego valorizando, e cada vez mais. E isso só na base da internet, porque a gente não tem selo, não tem gravadora. Estão começando os contatos pra lançar uma coletânea, mas a parada básica é exatamente a gente e o público. Agora está começando a sair matéria, mas antes não saía nada. Por isso mesmo a gente se assustou. Porque não fazia idéia de que ia rolar esse tipo de coisa.

E com tudo que tem rolado no mundo, com esses ataques todos, eu acho importantíssimo a galera se posicionar. A gente estava falando sobre aquela história do Radiohead que é clássica. Os caras do Radiohead, nessa época em que o discurso adotado por uma maior galera é o do Metallica, do “você vai me prejudicar”, o Radiohead fez um esquema no site deles, com um espacinho do lado da música pra você colocar o preço que vai pagar. Se for um centavo, que seja, ou qualquer coisa. Se o cara for milionário e quiser ajudar e dar 100 mil, que seja. De um centavo pra cima está valendo. E pra quem não sabe, o Radiohead é um dos maiores grupos de rock do mundo. Vende milhões e sempre primou pela criatividade.

Na época do *Planet*, eu me recusava a fazer esse tipo de propaganda “ah, pirataria”. Vi que esse discurso da gravadora tinha sido introjetado nas pessoas. Uma vez um cara do Maranhão me mandou um e-mail: “Pô, BNegão, tá foda, hein?, vocês estão privilegiando a região Sudeste, estão discriminando aqui a gente do Norte, Nordeste e tal. O CD de vocês não está chegando aqui, mó esculacho”. Eu falei: “Cara, a gente tenta sempre uma boa distribuição, fala, mas às vezes não chega mesmo. Mas seus problemas acabaram. Desde que a gente lançou o disco, ele está inteiro pra baixar no nosso site. Tem lá o disco, a música, é só baixar, beleza”. Eu crente que tinha resolvido o problema do cara, uns dois dias depois volta a resposta: “BNegão, eu sou muito fã, acompanho seu trabalho, tenho muita estima por você e blábláblá, só que você não pode me obrigar a fazer essa coisa ilegal, porque eu não quero te prejudicar, eu quero comprar... blábláblá”. Eu falei: “Cara, eu botei lá a parada, você não está me prejudicando, você está me ajudando, bota lá, baixa a parada”. Ele retornou:

“não vou, você não pode me obrigar, eu não sou desses”. Então é um papo meio psicodelia total. E isso acontece muitas vezes, de nego ter esse sentimento. Infelizmente, as pessoas crêm nesse discurso engravatado, no discurso das editoras.

O que eu acho importante, e é por isso que eu estou aqui, é se posicionar. A história do DRM (*Digital Rights Management*), por exemplo, que a gente estava falando, eu não sabia que era tão assustador. A política dos caras nessa história é bem parecida com a do ataque ao terrorismo, é a política do medo.

Eu estava lendo a história de um jornalista chamado Arbex, da *Caros amigos*, que fala do Shownarlismo. Essa cobertura dá sinal verde pro genocídio, pra várias situações absurdas em vários campos. Na política internacional e aqui. Nego manda qualquer absurdo em nome da defesa dos direitos e que, na verdade, são as coisas mais antidireitos do mundo. Acho que é isso. Pá pum.